

---

## Comunicação e Política Institucional: Da Mídia à Comunicação do Comum<sup>1</sup>

Monique Paulla<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

Como desdobramento da pesquisa de mestrado em Mídia e Cotidiano realizado entre 2019-2021, o artigo objetiva adicionar uma abordagem crítica reflexiva a partir de Mídiação (Sodré, 2002) ao debate realizado na pesquisa intitulada “Talíria Petrone: eu sou deputada, eleita pelo Rio de Janeiro - um estudo de caso de gestão de visibilidade pelo Instagram” (Paulla, 2021). E apresentar os primeiros encaminhamentos quanto à abordagem teórica que fundamentará o mapeamento da pesquisa de doutorado sobre processos de comunicacionais (Souza, 2020) estabelecidos no Cotidiano (Kilomba, 2019) das ruas das favelas e comunidade quilombolas que são resgatados por mulheres negras no processo eleitoral frente à escassez de recursos financeiros e midiáticos disponibilizados para pessoas negras, os “não-possuidores” (Santos, 2001).

### Palavras-chave

comunicação, política institucional, bios midiático, cotidiano e comunicação do comum.

### Introdução

O movimento de levante de mulheres negras na política institucional ocorrido em resposta ao assassinato brutal da vereadora Marielle Franco em 14/03/2018 (crime ainda sem resolução) permanece em curso. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, Thais Ferreira e Tainá de Paula foram eleitas para o legislativo municipal em 2020. Para o legislativo estadual, as deputadas Renata Souza e Dani Monteiro foram reeleitas no pleito eleitoral em 2022. E para a Câmara dos Deputados, a deputada Talíria Petrone também foi reeleita para a segunda mandata<sup>3</sup> no legislativo federal em 2022. Porém, mesmo com a reeleição das mandatas, os desafios da invisibilização (Noble, 2013) expostos para essas mulheres no campo da comunicação ainda são gigantescos. Em face do cenário, o Instagram tem sido apropriado por essas parlamentares como ferramenta de comunicação para fortalecimento das suas mandatas. Parlamentares como a deputada federal Talíria

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF), e-mail: moniquepaula@id.uff.br

<sup>3</sup> A identificação de *mandata* no feminino foi adotada por Marielle Franco e mantida pelas parlamentares que dão continuidade ao legado de Franco por entenderem que são feminista[s] em sua substância e nas pautas que travadas no campo político institucional como foi registrado no Relatório da Comissão de Defesa da Mulher, 2018, p. 3. Acesso em: 25 jan. 2023.

---

Petrone (2021) ressaltam a importância das redes sociais digitais para prestação de contas para os seus eleitores. Petrone (2021) chama atenção para o controle do sistema midiático controlados por grandes oligopólios concentrado nas mãos de poucas famílias. O levantamento MOM-Brasil realizado pelo Intervezes – Coletivo brasil de comunicação social revela que “cinco grupos ou seus proprietários individuais concentram mais da metade dos veículos” (MOM-Brasil, 2017).<sup>4</sup> A pesquisa identifica o grupo o Globo com 9 veículos de mídia, o grupo Bandeirantes com 5 veículos, a família Macedo também com 5, RBS com 4 e 3 do Grupo Folha. Sendo as famílias que mais se destacam como proprietárias de grupos de comunicação a família Marinho, Macedo, Saad, Abravanel, Frias e Mesquita. Diante desse cenário, Petrone (2021) pontua que :

Entendemos que as redes sociais são importantes instrumentos para prestar contas da nossa atuação às pessoas que nos confiaram seu voto e que acreditam no nosso trabalho. Num país que enfrenta grande oligopólio dos meios de comunicação, [...], ter os nossos próprios canais de comunicação se faz necessário para comunicar sobre propostas que atingem efetivamente a vida das pessoas. Importante considerar, também, que a nossa leitura sobre as iniciativas que afetam a população muitas vezes não é expressa nos veículos da grande imprensa. (p. 189).

Portanto, a apropriação que as parlamentares negras fazem da plataforma do Instagram configura-se como estratégia de resistência frente à escassez de acesso aos veículos de mídia disponíveis no país para população negra. No entanto, ainda que façam uso estratégico da plataforma digital, essas parlamentares entendem que o principal canal de comunicação é operado fundamentalmente no chão da favela como definem as ruas das favelas<sup>5</sup>, junto ao povo. Essa compreensão em relação aos limites da comunicação nas plataformas digitais, como o Instagram, nos ajuda a problematizar o debate sobre as fronteiras da Mídiação (Sodré, 2002) quando pensamos a Comunicação.

Pensando a Mídiação a partir da perspectiva do Sul Global o professor Muniz Sodré (2002) descreve a mídiação como “virtualização ou telerrealização das relações humanas” (p.21). O que nos ajuda a problematizar o quanto estamos imersos no cenário de aplicativos que reconfiguram as nossas relações cotidianas, sociais e culturais. Sodré (2002) aponta para “uma dinâmica de tecnointeração caracterizada por uma espécie de

---

<sup>4</sup> Pesquisa ‘Quem controla a mídia no Brasil?’. Disponível em <http://brazil.mom-gmr.org/br/>. Acesso em: 25 jun.2020

<sup>5</sup> Disponível em [SOLENI DADE. Medalhas De Mérito Pedro Ernesto. Sra. Conceição Evaristo. 01/08/2017](#). Acesso em: 25 jun.2020

---

prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível.” (idem). Ou seja, as nossas relações com o coletivo é intensamente perpassada pelas tecnologias digitais que viabiliza um fluxo informacional cada vez mais acelerado e, como consequência, uma maior circulação de capital.

A interação nas redes sociais digitais, por exemplo, nos faz acreditar na efetiva integração social enquanto o que ocorre é uma constantes exposição de dados que serão capturados para mercantilização para desenvolvimento de produtos e serviços pensados e elaborados com os dados espontaneamente fornecidos pelos usuários das redes digitais. E até mesmo forçosamente impelidos a fornecer dados e características pessoais, como a exigência da captura das digitais, para acesso sistema bancário. Sodré (2002) ressalta que a midiatiza o se constitui como um “dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunica o   técnica e industrialmente redefinido pela informa o [...] a serviço da lei estrutural do valor, o capital” (p. 22).

Portanto, a abordagem de Muniz Sodré (2002) na obra Antropológica do espelho: uma teoria da comunica o linear e em rede configura-se importante para a pesquisa uma vez que chama aten o para importância da Comunica o a partir das rela es físicas e concretas entre as pessoas antes da tecnointerac o (Sodré, 2002). Assim, o artigo proposto tem por objetivo adicionar uma abordagem crítica reflexiva dos estudos do campo da Midiatiza o ao debate realizado na pesquisa intitulada “Talíria Petrone: eu sou deputada, eleita pelo Rio de Janeiro - um estudo de caso de gestão de visibilidade pelo Instagram” (Paulla, 2021). E também apresentar os primeiros encaminhamentos quanto   abordagem teórica que fundamentar  o mapeamento dos processos comunicativos ancestrais resgatados por mulheres negras no processo eleitoral frente   escassez de recursos financeiros e midiáticos disponibilizados para pessoas negras, os “não-possuidores” como aponta o professor Milton Santos (2001) que será desenvolvido na pesquisa em curso para doutoramento em Média e Cotidiano.

Com o intuito de ter como parâmetro no cenário da cidade e do campo, a pesquisa contará como possíveis interlocutoras para a pesquisa a conselheira tutelar Patrícia Felix, da favela da Vila Vint m da cidade do Rio de Janeiro. No campo, a agente de saúde comunitária Elza Maria do Nascimento, da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande, estado da Paraíba. O trabalho proposto possui com referência metodológica a Pesquisa-A o (Peruzzo, 2003) visando incluir a participa o e interferência das duas interlocutoras na pesquisa em curso.

## Do Mdiatização à Comunicação Comum

De acordo com o professor Muniz Sodré (2002) a cultura é mediada por referências simbólicas impressas em instâncias como a linguagem, trabalho, leis e artes. Esses códigos estão presentes na mediação que, por sua vez, cumpre a função de fazer ponte com duas partes resultando em diferentes tipos de interação regidas pelas instituições mediadoras (família, escola, sindicato, partido) que imprimem valores (orientações práticas de conduta) mobilizadores de consciência individual e coletiva.

Partindo desse referencial de cultura, Sodré (2002) chama atenção para o novo modo de presença das pessoas no mundo regido pela a lógica da Mdiatização que se configura como:

[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de “tecnointeração” -, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível. (p. 22)

É nessa esteira que na vertente do Sul Global dos estudos sobre Mdiatização o professor Muniz Sobre (2002) nos apresenta o conceito de bios midiático. O autor entende *Bios* como “um gênero qualitativo, um âmbito onde se desenrola a existência humana” (p. 25). Assim, de acordo com Sodré, o *Bios* na sua integralidade promove a integração da pessoa à cidade. E que bios midiático busca uma integração da pessoa na sociedade por via do capital financeiro. Nessa perceptiva ele defenderá que vivemos em uma atmosfera de um solo que não é físico, mas informacional. Essa esfera informacional provoca uma ilusão simulativa resultando em uma percepção de estar informado e, inclusive, de quase-presença ao acontecimento veiculado pela imagem e [também] pela retórica repetitiva, simplificadora e veloz das mensagens” (p. 60)

De acordo Jairo Ferreira (2022) o conceito de bios midiático defendido por Sodré propõe uma dimensão de contato com a sociedade através do que ele compreende como uma “máquina semiótica simuladora do mundo” (p. 236). E, por consequência, “esse bios envolve outra forma de ser no mundo, modificando as relações sociais e o modo de fazer

---

político.” (idem). Essa outra realidade mediada pela informação constrói modos de performances que responde por efeitos e influências.

Diante dessa dinâmica, Sodré (2002) ressalta que a mídia não definirá mecanismo estéticos, performáticos, éticos ou simbólico, porém prescreve todos esses agendamentos e que isso pode atender mercadologicamente para qualquer seguimento ou esfera. Inclusive, nas disputas eleitorais. Sodré ressalta que com a midiatização ocorre uma duplicação imaginária do real a partir de padrão representativo.

Portanto, quando parlamentares negras reivindicam que a política é feita no chão da favela, elas também pontuam que o principal canal de comunicação é junto ao povo. Uma comunicação que é feita a partir da vinculação com os territórios. Nesse sentido, essas parlamentares corroboram para a compreensão da comunicação como princípio organizador da vida cotidiana. E, portanto, reafirmam o sentido de Comunicação resgatado por Sodré, no qual define a “comunicação como base existencial da vinculação humana” (SODRÉ, 2014, p 21).

o mecanismo pelo qual as relações humanas existem e se desenvolvem; ela inclui todos os símbolos do espírito com os meios de transmiti-los através do espaço e de mantê-los no tempo. Inclui a expressão do rosto, as atitudes, os gestos, o tom da voz, as palavras, os escritos, o impresso, as ferrovias, o telégrafo, o telefone e tudo aquilo que vai até a última realização da conquista do espaço e do tempo. (idem)

A informação a serviço da ordem financeira, como conceitua Sodré (2002), nos provoca a pensar o quanto essa informação atende aos parâmetros de manutenção do racismo em prejuízo à população negra uma vez que na centralidade dessa engrenagem está a exploração econômica e simbólica desse grupo social. Se a informação a partir bios midiático está para a ordem financeira fundamenta-se, portanto, o bloqueio ou restrição o acesso de parlamentares negras à transmissão de suas proposições antirracistas.

### **Vínculo e Visibilidade: Instagram como extensão do chão**

Assim, as parlamentares mulheres negras compreendendo a aparente integração da sociedade regida pela lógica do conceito de *Bios Midiático* (Sodré, 2002), fazem das redes sociais digitais as ferramentas possíveis para promoção de suas mandatas. Visto que lidam diretamente com os desafios da invisibilidade (Noble, 2013) expostos diante de um

---

sistema de midiático controlados pelos oligopólios de famílias no país. No entanto, essas mulheres seguem atentas com a percepção no que tange a vinculação humana (Sodré, 2017). Renata Souza (2020) referenciando Sodré defende que a vinculação em territórios de favela ocorre diante da sobrevivência comum.

a ética se configura como um comprometimento comunitário pela continuidade da vida que incide, justamente, na partilha de uma tarefa em comum. É isso que garante empenho, responsabilidade e obrigação para com o outro. É nesse sentido que o lugar comum da Maré atualiza o espírito comunitário que se sustenta enquanto práxis comuns, já que há um reconhecimento real e cotidiano da necessária luta pela manutenção da vida. (p. 166)

Um ponto considerável é que a vinculação dessas parlamentares nos territórios de favelizados e comunidades quilombolas são espaços onde foram sociabilizadas e constituídas como pessoas. Apesar da cidade cercada como nos apresenta Adair Rocha (2012), esses territórios não estão integrados à cidade no sentido orçamentário da administração pública e, por consequência, a cidade não incorpora esses territórios favelizados e quilombolas como parte constituinte da sua formação.

Renata Souza (2020) ressalta que o “direito à cidade deveria ser algo coletivo, mas é tratado como individual, e o neoliberalismo lidera o jogo político” (p. 32). Assim seguindo a ética do comprometimento comunitário, territórios favelizados e, comunidades quilombolas configuram-se essenciais para a Comunicação dessas parlamentares e suas atuações políticas pela luta pelos direitos das pessoas que constituem esses territórios. E, portanto, um território em disputa com agentes estrangeiros como os homens brancos que dominam o cenário político do país.<sup>6</sup>

O debate de vinculação e comunicação nos territórios possui pontos de convergência aos estudos de visibilidade pela ótica de Andrea Brighenti (2010). O vínculo “inscreve-se na dimensão comunitária” (Sodré, 2017, p. 300), com interconexão das pessoas com os seus territórios e comunidades e a visibilidade (BRIGHENTI, 2010) é o reconhecimento social dessas pessoas nas relações sociais. Essas duas chaves de reflexão, vinculação e visibilidade nos possibilitam a pensar sob duas óticas: o reconhecimento dessas parlamentares nos seus territórios a partir do vínculo que possuem enquanto na

---

<sup>6</sup> Brancos dominam representação política, aponta grupo de trabalho. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/11/26/brancos-dominam-representacao-politica-aponta-grupo-de-trabalho>. Acesso em 10 jan. 2022

cidade são sistematicamente invisibilizadas e apartadas de integração social, expressão da cultura racista da sociedade brasileira. Souza (2020), ressalta que a “invisibilidade também vulnerabiliza a vida das mulheres à frente de processos políticos” (p. 197)

Para Brighenti (2010) a visibilidade não é uma determinação social, mas ocorre no social a partir de configurações, conexões, associações, eventos e estratégias sociais, econômicas, culturais e políticas. E seu uso pode ser dirigido para os mais diversos objetivos: concentrar a atenção, estabelecer o respeito mútuo, afirmar hierarquias, coordenar ações, emitir comandos, aumentar a resistência quando pensamos nos enfrentamentos aos mecanismos de retirada de direitos da população. E nesse sentido, de acordo com Brighenti (2010) os efeitos sociais da visibilidade dependem do jogo entre determinados cenários e sujeitos, o que atribui ao campo da visibilidade a característica de ser relacional e estratégico. Definidos pelo autor como:

Em primeiro lugar, é relacional porque determina as relações entre ver e ser visto ou, mais geralmente, entre reparar e ser notado. Tais relações definem as posições do sujeito, e só se pode tornar sujeito dentro de tais relações. Em segundo lugar, é estratégico porque pode ser, e de fato é, manipulado pelos próprios sujeitos a fim de obter efeitos sociais reais <sup>7</sup>. (p. 39)

A noção de relacional apontada por Brighenti (2010) acompanha a compreensão de Sodré (2017). Sodré ressalta que “O nível de intera o relacional se refere   produ o e   reprodu o da ideologia no sistema social por meio de fluxos informativos homólogos aos princípios de troca dominante” (p. 293) e complementa que:

Do ponto de vista da reprodu o ideológica, o nível relacional d  continuidade   velha “virtude republicana” que tem em seu âmago a garantia do direito de propriedade – isto  , o direito constitucional de desfrutar, em termos absolutos (desde que não contrários   lei), de valores de uso privados. (p. 293)

Assim, na esfera ‘relacional’, com o Instagram, não estamos falando exatamente apenas de transmissão de informa o, ainda que em uma lógica falseada da realidade. Estamos falando também das possibilidades de furar a bolha que a segrega o racial promove e confina pessoas negras na esfera da invisibilidade social. E, conseqüentemente, nos colocam apartadas da possibilidade de constru o de vincula o

---

<sup>7</sup> Tradu o livre em portug es do texto originalmente publicado em inglês, como: First, it is relational because it determines relationships between seeing and being seen or, more generally, between noticing and being noticed. Such relationships define subject positions, and one can only become a subject within such relationships. Second, it is strategic because it can be, and indeed is, manipulated by subjects themselves in order to obtain real social effects. (BRIGHENTI, 2010, p. 39)

---

para além dos nos quais somos constituídos. Nesse sentido, ainda que as parlamentares também estejam alimentando a lógica do bios midiático (Sodré, 2002), há outra dimensão a ser considerada que é a busca subversiva e constante de burlar a lógica da invisibilidade social (Noble, 2013). Que por sua vez terá impactos no processo político institucional.

Para além da vinculação dos territórios que se tornaram crias<sup>8</sup>, observamos uma vinculação das parlamentares negras também pelo fortalecimento a partir das instituições mediadoras de cultura, como as instituições de ensino superior e comunidades de axé. No Rio de Janeiro, por exemplo, parlamentares negras como Dani Balbi, Dani Monteiro, Renata Souza, Talíria Petrone e a ex-deputada estadual Monica Francisco estudaram em instituições de ensino superior como UERJ, UFRJ, UFF e PUC-RIO, tanto na graduação como pós-graduação. Vínculos que são firmados na formação profissional anterior a atividade política institucional. No caso da deputada Dani Balbi o vínculo ocorre também pela relação de docência na UFRJ. Ou seja, vínculos de formação e atividade profissional e intelectuais enquanto integrantes dos pós-graduação produzindo ciência.

Com as comunidades de axé podemos observar iniciativas como a instituição do Abril Verde, mês dedicado ao combate à intolerância religiosa, aprovado em 2021 na ALERJ com o projeto de lei 1.772/19 de proposto pela Deputada Estadual Renata Souza.<sup>9</sup> E a agenda de defesa das casas de axé e terreiros de umbanda promovida pela vereadora Benny Briolly. São vínculos firmados pela “continuidade da vida que incide, justamente, na partilha de uma tarefa em comum.” (Souza, 2020) em um “Brasil em que a ancestralidade nos constitui.” (Petrone, 2023)<sup>10</sup>

Portanto, percebemos caminhos para insurgentemente ampliar vínculos já estabelecidos em seus territórios por meios de instituições sociais que resultaram em visibilidade (reconhecimento social), e construção de uma lógica comunicacional tanto nas favelas, comunidades quilombolas e de axé quanto nas instituições integradas às dinâmicas da cidade que possuem notoriedade social, como as universidades. E nessa

---

<sup>8</sup> Cria é uma abreviação da expressão Cria de Favela utilizada por pessoas que foram formadas socio e culturalmente em territórios favelizados.

<sup>9</sup> Disponível em: [ABRIL VERDE: ALERJ APROVA MÊS DEDICADO AO COMBATE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA](#). Acesso em 13 jul. de 2023

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuM9GL-pe7V/>. Acesso em 13 ago. de 2023

---

dinâmica compreendo que o processo político para mulheres negras se dá pela construção de todo um percurso de vinculação, comunicação e visibilidade.

Assim, diante de uma sociedade racista como a brasileira, não há possibilidade de comunicação e visibilidade para as pessoas pretas sem vinculação. E nesse sentido a mediação na comunicação a partir das redes sociais escamoteia tal especificidade apontando para uma audiência que pode ser distanciada da realidade concreta. Nesse viés, quando pensamos em comunicação na política institucional é essencial pensar na vinculação com territórios e instituições mediadoras de cultura. E as redes sociais digitais utilizadas como difusoras para ampliação da visibilidade construída no chão das favelas e territórios quilombolas.

### **Comunicação no Cotidiano Favelizado e Quilombola**

Saindo das redes para práxis da vida cotidiana onde as relações comuns acontecem, observa-se as parlamentares negras reivindicando o chão dos seus territórios de favelas e comunidades quilombolas como lugar de resistência e vinculação. E, portanto, essencial para quando se pensa em Comunicação. Muniz Sodré (2017) aponta a “comunicação como o imperativo estrutural de tornar comuns as diferenças ou de unir os opostos que, em sua dinâmica, fazem circular a *philia*.” (p. 202).

Assim, na busca pela exemplificação da concepção de Comunicação compreendida por Sodré (2017), torna-se oportuno pensar quais estruturas e como são organizadas ou mediadas as relações sociais nos territórios reivindicados politicamente pelas parlamentares negras. Renata Souza (2020) nos ajuda a identificar esses elementos comunicacionais a partir das dinâmicas das ruas da Maré. Ela aponta que a comunicação se dá por diversos códigos, incluindo os sonoros, configurando a rua como um “espaço em disputa.” (p.78).

Souza (2020) destaca alguns aspectos que podem ser classificados como a) geografia local, b) família, c) lazer d) comércio e) religiosidade e f) segurança. Sendo a) a geografia local marcada irregularidade das ruas da Maré; b) a família como organizadora das relações a partir de reuniões de famílias inteiras das ruas; c) o lazer que inclui as crianças nas ruas com e piscinas, chuveirão para refrescar, a comida ao ar livre, cerveja, som alto com estilos de forró, pagode e funk, festa “resenha” ou comemorações

---

mais sofisticadas como 15 anos, DJs e baile funk; d) o comércio apontado pela expressiva composição de trabalhadores nordestinos, nos restaurantes e supermercados, feira popular e asiáticos nas lanchonetes ou no varejo de produtos importados. Além do comércio de petiscos, bebidas, vestuário e beleza em função de o Baile Funk que recebe caravanas com pessoas de diferentes lugares do Rio de Janeiro; e) a religiosidade representando instituições evangélicas expressas nas caixas de som espalhadas por uma das principais ruas da Maré, como na Rua Teixeira Ribeiro, tocando músicas evangélicas e f) a segurança ou (in) segurança sublinhado pelo risco de invasão de outra uma facção rival ou mesmo incursões policiais.

Os elementos de mediação social apresentados por Souza (2020) são compartilhados em outros territórios, mas cada território tem suas especificidades a exemplo dos morros favelizados. No morro da Mangueira, por exemplo, território de que sou Cria, o transporte sempre foi estruturador das dinâmicas do Morro, especialmente da parte do Telegráfo – região mais íngreme do Morro da Mangueira. Nos anos 1990 até os anos 2000, a Kombi era o transporte mais utilizado pelos moradores para subir até a parte mais alta do Morro como a região da Fundação, Vila Miséria (renomeada como Vila Esperança) e Pedra. Algumas kombis, inclusive, não iam até a Pedra. Os moradores dessa localidade precisavam seguir o trajeto andando. Atualmente, o Mototáxi passou a ser mais utilizado pelos moradores, mas a Kombi permanece principalmente como serviço de transporte para os mais velhos que não andam de moto ou não seja possível levar todas as sacolas de compras quando não se tem outro serviço de transporte local disponível.

Importante destacar que se não for por meio desses transportes locais é necessário subir todas as ladeiras e escadarias a pé. Portanto, a depender da formação geográfica da região o transporte também será uma das principais formas de Comunicação no território. Inclusive, em Caia do Crioulos, comunidade quilombola situada em Alagoa Grande no Interior de Pernambuco, território de uma das possíveis interlocutoras da pesquisa, o transporte é umas das agendas mais reivindicadas pela comunidade. Uma vez que se chover fica impossível transitar pelas ruas sem asfalto. O que resulta no impedimento das crianças irem para a escola, socorro para os doentes e o isolamento da comunidade em geral.

---

Assim, além dos elementos que organizam e estruturam as ruas das Maré (Souza, 2020) e acrescento o transporte, as instituições de ensino desses territórios como escolas e creches e os afetos (Souza, 2021; Santos, 2001; Sodré, 2017), como as rela es entre vizinhos adultos e crianças e os amorosos. Incluir os afetos como elemento de comunica o que transmite sentido   substancial pois “a felicidade   subversiva quando se configura como práxis coletiva. E, mesmo que haja diferentes entendimentos do que seja a real felicidade, a busca por esse bem intangível alimenta a existência humana.” (Renata Souza, 2020. p. 166). Para corroborar com o pensamento de Souza (2020) recupero a concep o de *possuidores* e dos *não-possuidores* do professor Milton Santos (2001) utilizadas para ressaltar as desigualdades expostas para os grupos sociais no qual as pessoas são definidas “pela soma dos possíveis que lhe cabem, mas também pela soma dos seus impossíveis” (p. 129). Milton Santos (2001) destaque que:

“quanto aos ‘não-possuidores’ sua convivência com a escassez   conflituosa e até pode ser guerreira. Para eles, viver na esfera do consumo   como querer subir uma escada rolante no sentido de descida. Cada dia acaba oferecendo uma nova experiência de escassez. Por isso não há lugar para o repouso e a própria vida acaba por ser um verdadeiro campo de batalha. Na briga cotidiana pela sobrevivência, não há negocia o possível para eles, e individualmente, não há força de negocia o. A sobrevivência s    assegurada porque as experiências imperativamente se renovam. E como a surpresa se dá como rotina, a riqueza dos ‘não-possuidores’   a prontidão dos sentidos.   com essa força que eles se eximem da contra finalidade e ao lado da busca de bens materiais finitos cultivam a procura de bens infinitos como a solidariedade e a liberdade: estes, quanto mais se distribuem, mais aumentam.” (SANTOS, 2001, p. 130)

Chama aten o pensarmos em Comunica o a partir dos afetos (Souza, 2021; Santos, 2001; Sodré, 2017) configurando como elemento comum que media as rela es sociais. Sodré dirá que:

Por ‘comum’ entendemos, em primeiro lugar, a riqueza comum do mundo material – o ar, a água, os frutos da terra e toda a munific ncia da natureza – que, nos clássicos textos políticos europeus, costuma ser reivindicada como herança da humanidade em seu conjunto, a ser compartilhada. Pensamos que o comum são também, e com maior razão, os resultados da produ o social necessários   intera o social e   produ o ulterior, tais como saberes, linguagens, códigos, informa o, afetos etc ( Sodré, p. 198)

Nesse sentido, Renata Souza (2020) aponta a rua como espaço do comum sinalizado por Sodré. Ela esmiu a que a “rua se configura como o espaço das trocas reais e simbólicas, da convivência, das discussões, das festas, do encontro e da partilha com

---

outro, onde se experimenta o olhar para si, para sua própria existência” (p. 64). E, assim, é na rua, no coletivo, que ocorre o compartilhamento de saberes, linguagens códigos, informação, afetos e solidariedade. Assim, inferimos a rua como lugar central para a Comunicação comum, que medeia as relações sociais. Na perspectiva de Sodré, a Comunicação é a esfera que promove e estabelece a união dos opostos e torna comum as diferenças um grupo e/ou comunidade.

Vale desatacar que essa comunicação ocorre na esfera do Cotidiano (Heller, 2008, Kilomba, 2019), da vida do dia-a-dia onde se “colocam em funcionamento todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (p. 35). Ainda de acordo com a filósofa Agnes Heller (2008), todos nós estamos inseridos e vivemos a vida cotidiana, mas que “vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade” (p. 36). Grada Kilomba (2019, p. 80) especifica que o termo cotidiano se refere a uma constelação de experiências de vida que se repetem em espaço coletivos exemplificado por Renata Souza (2020) como a rua.

O Cotidiano (Heller, 2008, Kilomba, 2019) que é palco para estabelecimento da Comunicação é marcado pela espontaneidade, mas que nem por isso é desprovido de valor e importâncias histórica como aponta Heller (2008). Portanto, a vida cotidiana está no “centro do acontecer histórico” (p. 38). A autora destaca que “As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade.” (idem)

Portanto, trazer o debate do cotidiano para pensar a comunicação resultante das relações comuns nos territórios pode nos ajuda a identificar e contextualizar as práticas das relações sociais fundantes para a Comunicação que naturalizadas no cotidiano do chão da favela e comunidade quilombola. E, assim, vislumbrar uma posição singular de análise para os acontecimentos políticos, históricos e comunicacionais do país.

É significativo ressaltar que em uma sociedade forjado pelo sistema racista (Jones, 2002) como a brasileira, o cotidiano de territórios favelizados e quilombolas é marcado pela privação de acesso a direitos e de possibilidades de reprodução da vida, como nos

chama atenção o professor Edson Lopes Cardoso (2022) no curso para Ler o Brasil promovido pela Casa Sueli Carneiro<sup>11</sup>. O professor Milton Santos destaca que “a experiência da escassez é a ponte entre o cotidiano vivido e o mundo. Por isso, constitui um instrumento primordial na percepção da situação de cada um e uma possibilidade de conhecimento e de tomada de consciência.” (SANTOS, 2001, p. 130). Milton Santos complementa apontando para o fato de que há um saber que é produzido pela própria existência.

Eles [os pobres] descobrem cada dia formas inéditas de trabalho e de luta. Assim, eles enfrentam e buscam remédio para suas dificuldades. Nessa condição de alerta permanente, não têm repouso intelectual. A memória seria sua inimiga. A herança do passado é temperada pelo sentimento de urgência, essa consciência do novo que é, também, um motor do conhecimento. (SANTOS, 2001, p. 132)

Diante dessa dinâmica de escassez, na convivência com a necessidade e com o outro, Milton Santos (2000) observa a elaboração de uma política dos *de baixo*, constituída a partir do cotidiano vivido por todos, pobre e não pobres, e alimentada pela simples necessidade de continuar existindo” (p.133). Na obra *Por uma outra Globalização* (2021), o professor Milton Santos chamou atenção para o fato de que a política feita pelos pobres era distanciada da política institucional. Sendo a institucional fundada “na ideologia do crescimento, da globalização etc. e é conduzida pelo cálculo dos partidos e das empresas.”. Todavia, atualizando a concepção do professor Milton Santos, 20 anos depois da sua obra, podemos pensar que com o levante das parlamentares negras na política institucional em 2018, temos um cenário de política dos de baixo na institucionalidade proposto por essas mulheres crias dos seus territórios.

A ex-deputada estadual Erica Malunguinho, a primeira mulher negra e transexual eleita na ALESP - Assembleia Legislativa de São Paulo em 2018 argumenta que:

[...] a atuação na política institucional não é muito distante do que já se faz no cotidiano. A diferença de estar na institucionalidade, na assembleia, é que a gente sistematiza tudo aquilo que se faz no cotidiano e transforma em prática política institucional. Isso significa você se organizar e articular com diversas pessoas que têm capacidades e habilidades técnicas para mover a institucionalidade. [...] um mecanismo feito exatamente para afastar pessoas 12 e dificultar desde a entrada, o entendimento, o acesso, tudo (MALUNGUINHO, 2019).

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://cursos.casasuelicarneiro.org.br/lessons/edson-cardoso-aula-3-racismo-sistematico/>. Acesso em 10 abr.2023

---

Pelo mesmo viés, Renata Souza, também mulher negra, eleita Deputada Estadual pelo PSOL, assinala que estar na política institucional é uma questão de sobrevivência <sup>12</sup>.

Assim, a partir das relações comuns que ocorrem no espaço da rua sob o palco do cotidiano que são os afetos, as famílias que interagem na rua, o transporte, a religiosidade, o comércio, o lazer são basilares para pensar sobre a comunicação nos territórios favelizados e quilombolas no contexto político eleitoral. A comunicação, portanto, configura-se como o ponto de convergência que liga todos os pontos comuns nas suas diferentes esferas e dá o sentido para um grupo e/ou comunidade. Sentidos esses que partem das experiências culturais que se assemelham nos territórios favelizados e quilombolas. O território somente possui determinada dinâmica porque tem um sentido que estabelecido pela comunicação.

### **Conclusão**

A abordagem sobre a Mídiação (Sodré, 2002) nos convoca a pensar a comunicação para além da compreensão da Comunicação como informação. E nesse contexto, mapear os processos e elementos comunicacionais que são estabelecidos nos territórios favelizados e quilombolas no processo eleitoral pode configurar em uma importante estratégia de alcance de visibilidade (Brighenti, 2010) de parlamentares negras quando pensamos em política institucional. O grande desafio é identificar as práticas e interações comunicacionais que estão enraizadas e naturalizadas no nosso cotidiano (Heller, 2008; Kilomba, 2019) e percebê-las como repletas de valores simbólicos e nos auxiliam na vida concreta.

Nesse sentido, como a pesquisa de doutoramento em curso, pretende-se também fortalecer e compor um arcabouço teórico e analítico elaborados por pesquisadoras e pesquisadores que estão pensando o movimento de política dos debaixo (Santos, 2001) na institucionalidade protagonizado por mulheres negras. Em especial, a partir do campo de Mídia e Cotidiano, grande área da comunicação, sigo questionando quais as mídias que estão disponíveis para essas mulheres no processo eleitoral em prol de termos mais mulheres negras nas cadeiras do poder legislativo e executivo desse país.

---

<sup>12</sup> Fala proferida na Comunicação “Tecnologias, Raça, Gênero e Direitos Humanos”, realizada em 18 de junho de 2019, como parte do evento “eVoices Dissemina: Experiências Ativistas do Brasil e do Sul Global”

Cidinha da Silva (2018) nos dirá que “através de estudo, pesquisa e diálogo com as mais velhas [...] muito pouco se inventa. [Porém] É salutar que se crie o novo, sem ignorar que o conhecimento configura repositório disponível a toda humanidade, capaz de eliminar esforços físicos e mentais desnecessários, além de potencializar voos mais seguros” (p. 253). Esse será o percuso, a bússula, para a pesquisa em curso.

## Referências bibliográficas

- BRIGHENTI, Andrea. **Visibility in Social Theory and Social Research**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- JONES, Camara Phyllis. **Confronting Institutionalized Racism**. Phylon, Atlanta, v. 50, n. 1/2, p. 7-22, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/4149999>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- MEDRADO, Andrea. REGA, Isabella. Forthcoming. **Modelo de Escalas da Visibilidade: Mapeando Percursos de Visibilidade e suas Consequências para Mdiativistas do Sul Global**. Revista Comunicação Mídia e Consumo v. 18, n. 52. 2021. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/2490>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016
- NOBLE, Safiya Umoja. Google Search: Hyper-visibility as a Means of Rendering Black Women and Girls Invisible. Invisible Culture: An Electronic Journal for Visual Studies. Visual & Cultural Studies Program, University of Rochester. 2013. Disponível em: <https://urresearch.rochester.edu/institutionalPublicationPublicView.action?institutionalItemId=27584>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- PERUZZO, C.M.K. . **Da pesquisa participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos**. In: III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação -CD Rom. São Paulo: INTERCOM, 2003. v. 1. p. 1-16.
- PETRONE, Talíria. **APÊNDICE A – Conversa com a Deputada Federal Talíria Petrone-Proposta whatsapp**. [Entrevista concedida a] Monique Paulla. Dissertação Título: Talíria Petrone: eu sou deputada, eleita pelo Rio de Janeiro, Niterói, p 189-192, 3 mar. 2021.
- Oliveira, Monique Paula dos Santos Teixeira de. **Talíria Petrone: eu sou deputada, eleita pelo Rio de Janeiro: um estudo de caso de gestão de visibilidade pelo Instagram / Monique Paula dos Santos Teixeira de Oliveira; Carla Baiense Felix, orientadora**. Niterói, 2021. 210 f. : il. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Departamento de Comunicação Social e Jornalismo. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ROMÃO, Jeruse. **Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil**. 2.ed. revisada e ampliada. Florianópolis: Cruz e Souza, 2023.
- SILVA, Cidinha da. **De onde viemos: aproximações de uma memória**. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. Editora Companhia das Letras, 2018.
- SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a formação social negro brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.
- SOUZA, Renata da Silva. **Cria da Favela: resistência à militarização da vida**. São Paulo: Boitempo, 2020